

BREVE ESTUDO DA FORMAÇÃO LEXICAL NO BICO DO PAPAGAIO - TOCANTINS

Josete Marinho Lucena*

RESUMO

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida na microrregião do Bico do Papagaio, região Norte do Estado do Tocantins, região do Bico do Papagaio, dentro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Infância. A pesquisa permitiu a coleta de um vasto material que provocou em nós, pesquisadores, inquietações advindas das escolhas lexicais feitas pelos informantes. Tais inquietações motivaram a necessidade de compreendermos o significado de muitas lexias usadas em grande escala pelo povo da região. É com esse olhar que o presente trabalho visa apresentar o léxico da região, catalogando, em um breve glossário, termos e expressões coletados em diferentes espaços. Acredita-se que tanto a construção étnico-cultural da região, quanto a localização geográfica, como o percurso histórico desenhado pelos sujeitos partícipes de tais processos, possibilitaram uma construção lexical diversa do próprio estado do Tocantins, advindos dos fatores extralinguísticos ora colocados. A pesquisa embasa-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Lexicologia/ Lexicografia.

Palavras-chave: léxico - cultura - glossário.

ABSTRACT

The present work is a result of the research developed in the microregion of Bico do Papagaio, in north region of Tocantins state, inside in the Group of Study Language and Childhood. The research allowed collecting of a vast repository of material, which provoked us, researchers, worries arising from the lexical the choices made by informers. These worries motivated the necessity of understanding the meaning of many lexias used on a large scale by the people of the region. With this view, this work pretends to show de lexic of the region, cataloging, in a small glossary, terms and expressions collected in different spaces. It believes such the build ethnic-cultural of the region, as the geographic location, as historic rout draw by the people of this

* Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: josetemarinho.ufpb@gmail.com

process to give possibility of diverse lexical build of the own Tocantins state, arising out of extra linguistic factors placed now. The research underlines on the theoretical and methodological assumptions of sociolinguistics and a Lexicology/ Lexicography.

Keyword: *lexic - culture - glossary.*

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

A relação língua, cultura e sociedade trata-se de um terreno fértil tanto para estudos de cunho antropológico, quanto linguístico e sociológicos. A Sociolinguística e a Dialectologia têm-se constituído como disciplinas relacionadas à área da Linguística com vistas ao estudo das línguas e suas vertentes socioculturais. São crescentes os estudos nas áreas da Sociolinguística e da Etnolinguística, sobretudo, no Brasil, onde as diversidades são marcantes e marcadas pelo perfil histórico da colonização e das invasões estrangeiras ocorridas em quase todo o território nacional, o que nos permite receber influências de povos africanos, europeus e do próprio nativo.

É nessa perspectiva que o presente trabalho busca apresentar o léxico da região do Bico do Papagaio, região Norte do Estado do Tocantins, e suas similaridades com algumas regiões dos vizinhos estados do Pará e Maranhão, além das influências linguísticas trazidas por sujeitos que chegaram ao estado de outras partes do Brasil em busca de melhores condições de vida. O trabalho culmina com um pequeno glossário separado por campos léxico-semânticos, repertoriando termos e expressões utilizadas em larga escala pelos usuários da língua, como propõe a visão sociointeracionista dos estudos lexicais. Ao organizarmos os termos em campos léxico-semânticos, damos ao pretense glossário um cunho mais onomasiológico.

O trabalho está organizado em seis seções, que versam sobre dialetos e falares, estudos lexicais e obras lexicográficas, termos e expressões regionais populares, além do glossário propriamente dito.

2 DIALETOS E FALARES

Muitas dúvidas suscitam os termos *dialeto* e *falar*, quer pelo seu conceito, quer pela sua abrangência. Alguns estudiosos consideram como se fossem termos sinônimos outros os distinguem, admitindo até uma antonímia entre eles. Há quem considere o falar como algo mais restrito e limitado a uma variedade de língua de determinada área geográfica e/ou social; enquanto o dialeto é visto também como variedade da língua numa área mais extensa.

Para Aragão (1983, p. 64), *falar é o conjunto de particularidades linguísticas que distinguem um grupo humano do outro*. Trata-se, pois, de uma visão mais globalizante do falar, que o vê apenas como particularidades linguísticas. Já Camara Júnior (2000, p. 95) considera o falar como um subdialeto, ou seja, um dialeto em menores proporções. Para Nascentes (1953, p. 17): *Falar é um conjunto de meios de expressão empregado por um grupo, no interior de um grupo linguístico*. Este último conceito prevê, assim como Câmara Júnior, a existência de um grupo

linguístico maior e que possibilita o emprego de formas linguísticas distintas desse grupo mais amplo. Há quem não considere a distinção entre dialeto e falares, porém é pertinente observar que no caso da língua portuguesa, temos um dialeto brasileiro, que, por sua vez, é formado por diversos falares. Apesar das constantes distinções entre falar e dialeto, a tendência é usarmos um pelo outro, mesmo se para nós fica evidente a abrangência de cada um.

Ainda referindo-se a falares, Camara Júnior (2000, p. 115) os define como sendo línguas de regiões pequenas dentro de um determinado território linguístico maior. Os falares possuem traços característicos específicos e comuns à chamada língua geral, o que distingue um falar de outro são características superficiais que lhe são peculiares, mas tais traços não fazem o falar se tornar ininteligível para língua geral ou para o dialeto a que pertence.

Dubois (1998, p. 265-6), ao tentar definir os falares, faz uma distinção entre falar social e falar regional, afirmando que o *Falar é um sistema de signos e regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito*, que independe da classe social do falante. Neste caso, temos uma definição de falar na perspectiva de falar regional. O outro conceito reporta-se ao falar como forma da língua usada por um grupo social. Há, como já mencionamos anteriormente, formas específicas ao falar e outras que são comuns à língua geral. São exemplos desses falares o rural, o culto e o popular.

Num conceito mais detalhado de dialeto Camara Júnior (2000, p. 95) afirma que

Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais [...] entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extra-lingüístico de ordem psíquica, social ou política...

Isso se explica melhor numa outra visão do próprio Mattoso, citado por Aragão (1983, p. 63), quando ele afirma que o dialeto pode ser visto como uma variedade regional da mesma língua, na perspectiva linguística, e como línguas diversas originárias de uma mesma língua, que coexistem em espaços geográficos diferentes, na perspectiva política, histórica e social.

Ainda haveria muitas outras definições tanto para *falar* como para *dialeto*, bem como poucas não seriam as distinções que poderíamos fazer. No entanto, achamos conveniente, para o nosso trabalho, acrescentar apenas a definição de Ferreira e Cardoso (1984, p. 16) que comparam o dialeto a um conjunto de isoglossas que tem uma certa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística. E nesse ponto, percebemos mais uma vez a visão do dialeto como sendo uma variedade demarcada num espaço geográfico que, entretanto, não obscurece as diferenças socioculturais (diastrática), de estilo (diafásica), de gerações (diageracionais).

Há, portanto, convergência em todos os conceitos relatados em dizer que o falar ou dialeto regional pertence a um sistema linguístico mais amplo, que possui diferenças lexicais, semânticas, sintáticas, morfológicas, que não o fazem se distanciar o bastante da língua comum a ponto de não poder ser classificado como uma língua à parte. Podemos, ao contrário, perceber mais pontos de convergência que de divergência.

Salientamos que, como muitos outros trabalhos na área da dialetologia, este prioriza a linguagem popular, enfocando a variedade da língua mais despojada, relacionada às origens sociais mais simples do usuário da língua ou a utilização de uma variedade mais espontânea.

Trata-se, portanto, não da linguagem culta, geralmente, utilizada pelas camadas privilegiadas da sociedade, nem tão pouco, a linguagem usada em ocasiões mais formais.

É pela percepção das diferenças entre uma língua tida como culta e um dialeto ou falar popular regional que acreditamos existirem termos e expressões que são peculiares a uma região e, por isso, achamos conveniente elencar esses termos e expressões em forma de glossário, que, de certa maneira, nos remete a ver a língua como forma de materialização da cultura e da sociedade presente na região do Bico do Papagaio.

É possível perceber que a constituição desses estudos dialetais e desses falares com seus respectivos termos apresentam pertinência aos estudos lexicais no presente e à abordagem lexicográfica pretendida neste trabalho, como veremos a seguir.

3 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

A Linguística, enquanto ciência moderna que comporta abordagens diversas sobre a linguagem, abre-se para um cabedal de outras ciências que vêm a ajudá-la na compreensão dos fenômenos da língua tais como Sociolinguística, Dialectologia, Psicolinguística, entre outras. Dentro destes ramos da Linguística, podemos abordar aspectos fonético- fonológicos, morfosintáticos, semânticos e lexicais. Este último tem ocupado um lugar de relevo por ser responsável por uma maior incidência na variação de uma língua e num estudo comparativo das línguas. É esse um dos motivos pelos quais contamos hoje com alguns ramos da Linguística que se debruçam sobre o estudo do léxico e os quais se denominam ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Metalexigrafia, Terminologia, Terminografia.

Ao falarmos sobre as ciências do léxico, consideramos conveniente ressaltarmos o uso do termo *léxico* quando queremos nos reportar principalmente à Lexicologia, visto que esta ciência mantém uma relação direta com o repertório da língua geral; e sentirmos que muitos estudiosos assim consideram a relação entre léxico e a ciência que a ele dedica seus estudos, por isso é comum a utilização do termo *léxico* por Lexicologia.

Para alguns estudiosos do ramo, o léxico trata-se do saber partilhado que está na consciência dos falantes de uma determinada língua e sua constituição acontece por meio do acervo vocabular de um grupo sócio-histórico-cultural. É através da língua e, sobretudo, do léxico que podemos perceber e construir a realidade que nos circunda, como afirma Izidoro Blikstein (2003, p. 17). A partir desse patamar da língua, os falantes e ouvintes partilham valores, crenças, hábitos e costumes de uma comunidade, bem como inovações tecnológicas e as transformações socioeconômicas de uma determinada sociedade ou área de conhecimento.

Na visão de Biderman (2001, p. 13), além da questão cognitiva da realidade inerente ao léxico, este tem uma relação com o processo de nomeação. A estudiosa explica que o léxico é gerado por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência que se cristaliza em signos linguísticos, aos quais denominamos de palavras.

De forma mais ampla, podemos considerar o léxico de uma língua como patrimônio vocabular de uma comunidade linguística, construído ao longo de sua história. É importante lembrar que este vive em constante expansão, pois a cada momento as mudanças socioculturais e, sobretudo, o desenvolvimento científico e tecnológico fazem com que os repertórios dos signos sejam

expandidos, para designar a realidade que ora se apresenta em cada comunidade linguística. O falante sente a necessidade de nomear suas invenções e desenvolver novas noções, fato corriqueiro nas ciências do léxico, sobretudo, na Terminografia e Terminologia.

Na esteira do léxico, é importante ressaltar a unidade lexical, a qual Pottier (1972, p. 26) denomina *lexia*. Trata-se de unidade lexical memorizada, podendo aparecer na língua por meio de formas simples, composta, complexa ou textual. Segundo o mesmo estudioso, as lexias se estruturam a partir do(s) lexema(s), parte responsável pelo conceito e essencial para existência da lexia e do(s) gramema(s), presente ou não na lexia e responsável por indicar a função dessa lexia.

O léxico pode ser encarado, pelo menos, sob duas faces: quanto à sua estrutura mórfica e quanto ao conteúdo semântico. Quanto à sua estrutura temos lexias simples e lexias complexas, sendo a primeira composta de apenas uma forma livre e a segunda, composta de mais de uma forma livre ou por uma forma livre combinada a uma forma presa. Tanto para a organização de obras lexicográficas e/ ou terminográficas como para a pesquisa gramatical, o estudo das lexias complexas tem sido motivo de pesquisa. Na perspectiva da gramática, as lexias complexas são analisadas com o fim de descobrir os mecanismos sintáticos e semânticos que entram em jogo para a formação de tais estruturas. No caso da compilação de unidades lexicais em obras destinadas a dar informações lexicais aos usuários da língua, sobremaneira, a delimitação e classificação de tais lexias são utilizados para elencarmos critérios de entradas e subentradas destas lexias complexas na obra, metodologia não viável ao presente trabalho em virtude do número resumido de termos compilados – apenas 26 – para este momento.

O entendimento das lexias complexas e sua delimitação devem, conseqüentemente, ser observados pelo ponto de vista sintático, semântico e pragmático, pois na maioria das vezes, ao observamos apenas os aspectos fonológico e morfológico, acreditamos tratar-se da mesma lexia, no entanto, ao observamos o contexto em que se encontra a lexia, é que percebemos tratar-se de uma lexia composta ou não. Esta atitude se constitui uma das formas de delimitarmos-las.

Outro aspecto que vem a corroborar a existência ou não da lexia complexa é a sua recorrência de uso, que muitas vezes impõe um significado completamente arbitrário a seus constituintes. Para considerarmos uma lexia complexa é preciso observar se esse uso já se cristalizou entre os usuários e se não se trata de um grupo léxico que foi criado no momento da interlocução. Um bom exemplo desse tipo de lexia é a expressão “que tal!!”, que representa uma expressão indicadora de dúvida e é usada na Região do Bico do Papagaio, no sentido de considerar como algo absurdo, que não deveria acontecer. É necessário perceber que tanto lexia complexa como lexia simples são objetos de estudo das ciências do léxico.

Pelo exposto inicial sobre léxico, achamos conveniente diferenciar as disciplinas linguísticas que compõem as ciências do léxico e localizarmos melhor o intuito deste trabalho.

4 DISTINÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Fazendo um paralelo entre Lexicologia e Terminologia, é importante lembrar o que diz Barbosa (1991, p. 182-9) ao se reportar à Lexicologia, considera-a como o estudo de todas as palavras de uma língua, nos mais variados aspectos: estrutura, funcionamento e mudança. A

Lexicologia objetiva “definir conjuntos e subconjuntos lexicais”; analisar as relações entre o léxico de uma língua e o universo natural, social e cultural; conceituar e denominar lexias; elaborar modelos teóricos subjacentes às suas diversas denominações; considerar a palavra como elemento de captação da visão de mundo, de ideologia, de sistema de valores, e ainda como geradora e reflexo de sistemas culturais; outro objetivo da Lexicologia é analisar e descrever as relações entre expressão e conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Neste mesmo viés, a Terminologia apresenta-se como uma especificidade da Lexicologia, porém não inferior a esta, visto que suas tarefas incorporam todas as tarefas a que está submetida Lexicologia e mais as relações entre significados do signo terminológico, o que comporta a complexidade da criação desse signo e a renovação e ampliação dos universos dos discursos terminológicos. Portanto, falar de signo terminológico ou termo inclui falar de seus processos de formação e da maneira como esse signo se consolida.

Ao lado da Terminologia e da Lexicologia, encontram-se a Terminografia e Lexicografia, disciplinas responsáveis pelo fazer lexicográfico e que começam a ser encaradas como disciplinas só nos últimos anos.

Com sua atenção voltada para o estudo do léxico, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia têm-se configurado como ciências ou disciplinas que buscam no léxico o ponto de partida para as suas pesquisas. No entanto, vale ressaltar as diferenças que perpassam tais ciências. Enquanto a Lexicologia e a Terminologia têm caráter mais teórico; a Lexicografia e Terminografia figuram como disciplinas práticas, voltadas, sobretudo, para a confecção de obras lexicográficas e/ou terminográficas. A Lexicologia, ao lado da Lexicografia, dá conta de um arcabouço mais abrangente, fazendo um estudo voltado para a língua geral; ao passo que a Terminologia e a Terminografia figuram nas áreas de especialidades e/ ou nas línguas de especialidades. Assim, de modo mais abrangente, podemos considerar a Lexicografia como a ciência dos dicionários da língua comum e a Terminografia como a ciência dos dicionários especializados. Essas distinções podem ser ilustradas no quadro a seguir:

Quadro 1: Distinção entre as ciências do léxico

	<i>Lexicografia</i>	<i>Lexicologia</i>	<i>Terminologia</i>	<i>Terminografia</i>
<i>Quanto ao fazer</i>	Prático	Teórico	Teórico	Prático
<i>Quanto ao objeto</i>	Lexemas ou palavras	Lexemas ou palavras	Termos	Termos
<i>Quanto ao recorte da língua</i>	Língua geral	Língua geral	Linguagem de especialidades	Linguagem de especialidades

Apesar de considerarmos a Lexicografia e a Terminografia como disciplinas práticas, ressaltamos que na atualidade ambas têm um estatuto teórico, visto que para produzir obras lexicográficas e/ ou terminográficas, sobretudo, numa perspectiva linguística, necessário se faz o conhecimento teórico sobre esse fazer lexicográfico e/ou terminográfico. Para o presente artigo, consideramos importante centrarmo-nos um pouco mais na Lexicografia, visto que a culminância deste escrito é a apresentação de um trabalho lexicográfico.

5 A LEXICOGRAFIA

A arte de fazer dicionários é antiga, quando se faziam dicionários latinos para as escolas medievais; entretanto, sua inserção como disciplina linguística só se iniciou na primeira metade do século XVI, motivada pelo ensino do latim enquanto língua não materna. Houve, com isso, a necessidade de se fazer dicionários que tentassem conciliar o entendimento do latim clássico com o do latim vulgar. Tal fato originou o perfil do dicionário do Português, que visa fazer com que a obra lexicográfica torne-se uma fonte de compreensão da própria língua.

Como podemos observar, a Lexicografia só teve estatuto de ciência na contemporaneidade, pois antes o seu trabalho se restringia apenas ao fazer lexicográfico. Nos nossos dias, a Lexicografia tem-se utilizado das teorias lexicais e de critérios científicos para realizar suas pesquisas. Para Borba (2003, p. 15) a Lexicografia, nesse seu duplo aspecto: teórico e prático, ocupa-se, enquanto técnica, da organização para a montagem do dicionário ou de qualquer obra lexicográfica. No seu sentido mais teórico, busca o estabelecimento de um conjunto de princípios que venham a descrever o léxico total ou parcial de uma língua.

Ainda segundo Borba (2003, p. 16), o léxico é concebido como “o conjunto dos itens vocabulares da língua, ou seja, como a soma das formas livres que circulam nos discursos da comunidade”. Com este entendimento, podemos dizer que lexias simples ou complexas usadas pelos mais distintos falantes de uma língua podem ser repertoriadas nas obras lexicográficas, considerando para isso a frequência e a regularidade de uso necessárias para que a lexia participe da língua. É com esse intuito que o presente artigo traz a seguir lexias usadas na região do Bico do Papagaio.

Para efeito de descrição exigida pela obra lexicográfica concebemos o léxico como componente de base gramatical. Tal base possui um componente categorial e outro lexical. Ainda segundo Borba (2003, p. 16), enquanto o componente categorial define as relações gramaticais determinantes à interpretação semântica, *o léxico especifica as propriedades sintáticas, semânticas, e fonológicas de cada item lexical*.

Apesar dos crescentes estudos de cunho lexicográfico em Língua Portuguesa, muito se tem a fazer nessa área, e, nesse aspecto, vale salientar a sua proximidade com a Lexicologia e, portanto, o fazer lexicográfico tem-se apoiado, sobretudo, em teorias lexicológicas e alguns suportes na Linguística e nas teorias gramaticais.

Em um outro sentido, o fazer lexicográfico apresenta-se como uma necessidade que a sociedade exige para compreender o mundo que a circunda e para facilitar a comunicação entre os sujeitos falantes-ouvintes. Desta forma, ratificamos o pensamento de Christophe e Candel (1986, p. 132), quando afirmam que:

Le lexicographe “généraliste”, non “spécialiste”, dispose en effet d’un fonds documentaire em general assez riche pour pénétrer peu à peu la spécialité, pour espérer saisir peu à peu lês valeurs des dénominations qui la caractérisent.

É, portanto, trabalho do lexicógrafo penetrar através de documentos de diferentes áreas e falares/dialetos para ter uma visão da língua e entender cada denominação e até os elementos

que compõem a unidade lexical dentro de uma área. Por esta razão e por outras mais, podemos afirmar que a língua geral absorve os termos das áreas de especialidades e variedades específicas, fazendo-os integrar as obras lexicográficas, como acontece aos termos levantados para este trabalho.

6 AS OBRAS LEXICOGRAFICAS

Nos dias atuais as obras lexicográficas têm tomado um impulso por uma necessidade cada vez mais crescente. Esse crescimento tem encontrado repercussão, sobretudo, no que tange às áreas de especialidades; pois, como já discutimos anteriormente, o desenvolvimento das técnicas e das ciências, de certa forma, exige ora conceitos ora nomes para muitos termos criados e, conseqüentemente, a produção de obras que, minimamente, compilem vocábulos a serem explorados. Algo semelhante acontece às lexias que entram na língua por meio do uso que o falante faz em uma determinada localidade, classe social, entre outros aspectos extralinguísticos. É neste sentido que consideramos coerente refletirmos acerca das tipologias de obras lexicográficas.

Entretanto, não é tarefa fácil determinar os diversos tipos de trabalho lexicográfico. Haensch (1982, p. 96) afirma que essas dificuldades não acontecem apenas por critérios linguísticos, mas por fatores históricos e culturais que influenciam os diversos tipos de obras lexicográficas. Tais tipologias variam segundo a concepção de cada estudioso.

Para Haensch; Wolf; Etinger; Werner (1982, p. 97), entre os critérios linguísticos fundamentais que tipificam as obras lexicográficas, merecem relevo os modos de ser da língua e os aspectos da descrição linguística. Quanto aos modos da língua, os glossários, os dicionários ou o vocabulário de obras literárias constituem compilação de discursos individuais; enquanto que os *thesauri* constituem compilação dos termos do discurso coletivo. Em se tratando das descrições linguísticas, os autores consideram dicionários semasiológicos e onomasiológicos, dicionários de uso, entre outros. Na perspectiva histórico-cultural, os mesmos autores (1982, p. 106) se reportam ao glossário como repertório de vozes, destinado a explicar um texto medieval ou clássico, uma obra de um autor; e ainda como repertório de palavras, geralmente termos técnicos, podendo ser monolíngues ou plurilíngues, que não pretende ser exaustivo.

Biderman (1984, p. 11-6) registra a existência de quatro tipos de dicionários: o de uso da língua, que compila as palavras da língua geral; o ideológico ou analógico, organizado a partir de campos semânticos; o histórico, compilado a partir do vocabulário e da língua de uma determinada época; o dicionário especial, que registra palavras e termos de uma determinada área.

Como vimos até agora, existe um número considerável de tipos de obras lexicográficas, fato que é atribuído à heterogeneidade das relações sociais. Segundo Barros (2004, p. 133) são obras lexicográficas os dicionários da língua, os dicionários especiais e os que registram as unidades lexicais em todas as acepções encontradas num sistema linguístico. As obras terminográficas são aquelas que catalogam um conjunto de termos de um determinado domínio especializado ou técnico, tal como o dicionário terminológico.

Para Haensch; Wolf; Etinger; Werner (1982, p. 103), não há nenhum termo genérico nas línguas indoeuropeias que abrigue todos os tipos de dicionários, vocábulos e glossários, por isso é comum utilizarmos a terminologia obras lexicográficas. Na visão de Barros (2004, p. 133), há

dois termos genéricos que podem designar as obras lexicográfica e terminográfica: o dicionário ou repertório.

Ao se reportar ao fazer lexicográfico, Borba (2003, p. 15) afirma a definição *de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes*. Destarte, na organização de obras lexicográficas, fazemos a análise a partir da sintaxe para a semântica, ou seja, a partir do contexto restrito e de sua estrutura sintática faz-se a atribuição do valor semântico.

Porém, tal concepção é muito restrita para refletirmos sobre o fazer lexicográfico. Há elementos mais relevantes a serem conhecidos para a realização desse fazer e, sobretudo, para reconhecer a tipologia desses trabalhos. Segundo Barros (2004, p. 137-44), são elementos que caracterizam as tipologias de obras lexicográficas e terminográficas: o público alvo, o tipo de dado a ser veiculado, quantidade de unidades lexicais a serem tratadas, a ordenação das entradas, entre outras. A partir destas características e da tipologização da Norma ISO 1087 e dos tipos de repertórios do *Office de la Langue Française*, a autora enumera as seguintes tipologias de obras lexicográficas e terminográficas:

O dicionário ou dicionário de língua faz parte do sistema, tendo um público-alvo bem abrangente e visa compilar um grande número de unidades lexicais e fraseológicas, que se encontram em diferentes acepções, abrangendo diversos universos discursivos. Há obrigatoriedade da definição, mas não de informações enciclopédicas.

Um outro tipo de dicionário é o terminológico, também chamado vocabulário, está no nível da norma, tem como público-alvo os técnicos e especialistas no assunto e os terminólogos. Registram-se as unidades terminológicas.

O glossário pode ser também dicionário bilíngue ou multilíngue. Pode estar tanto na norma como no sistema, possui como característica primordial não apresentar definições, mas apenas lista de unidades lexicais e terminológicas com seus equivalentes em outras línguas.

A enciclopédia pode localizar-se tanto no nível do sistema como de uma ou mais normas de uma área de especialidades. Trata somente as unidades terminológicas de um ou mais domínios. Possui como característica principal informar dados extralinguísticos e referenciais. Ao apresentar, além desses dados definições, chamar-se-á dicionário enciclopédico.

O léxico, neste caso, é entendido como apêndice de uma obra, com suas respectivas definições. Está no nível de uma norma. Apresenta uma lista de unidades lexicais, terminológica ou expressões de qualquer ordem utilizada por um autor que represente dificuldade de compreensão para o leitor.

Os trabalhos lexicográficos acima apresentados representam obras básicas, porém a partir destas há possibilidades de outros repertórios serem elaborados, por meio da combinação de elementos de diferentes obras.

No presente trabalho, combinamos características do glossário, o dicionário terminológico e o dicionário enciclopédico, na visão de Barros.

A nosso ver é importante ressaltar uma outra característica do repertório e que a obra lexicográfica a que nos propomos trabalhar contém: a relação entre língua e realidade, colocada por Borba (2004, p. 20) *uma vez que procuram, pelo signo, levar à identificação do referente, por ter sido de relativa utilidade prática, pois tal identificação depende muito da vivência com*

as palavras e as coisas a elas relacionadas. Nesse sentido é constante a identificação da funcionalidade nos termos por nós repertoriados, que podem ser exemplificados nas falas dos informantes e, desta forma, separados por Campos léxico-semânticos, como descrito em cada entrada lexical do glossário em estudo.

7 TERMOS E EXPRESSÕES DA LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR DA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

A relação língua, cultura e sociedade, como já vimos anteriormente, constitui-se uma das formas de, ao mesmo tempo, formalizar a língua e concretizar os pensamentos, ideias e identidade de um indivíduo e do grupo a que pertence. Essa concretização é observada e construída, sobretudo, por meio do léxico de uma língua. É através do léxico que adquirimos uma visão da sociedade, da cultura e, mais profundamente, das ideias de que está impregnada a realidade que nos circunda. Ou ainda é essa mesma realidade que vai formar o léxico e, por isso mesmo, todas as mudanças e variações pelas quais passa uma língua são mais perceptíveis pelo léxico.

Este trabalho nos oportuniza observar essas variações através do léxico levantado por meio de pesquisa feita na região do Bico do Papagaio, Norte do Estado do Tocantins, que representa um pouco o léxico e/ou o falar da citada região. A recolha de entrevistas permite uma percepção da oralidade, sobretudo no que concerne ao uso de lexias de uso popular regional. Assim consideradas por nós a partir de três critérios: (a) estarem ausentes do dicionário geral com o sentido em que foram empregadas no texto; (b) soarem como diferentes para nós da forma a ser utilizada na língua culta e comum; e, finalmente, (c) grande parte deles serem formados por um conjunto de palavras com um sentido apenas.

Listamos alguns dos termos e expressões que coletamos durante a pesquisa para ilustrarmos o glossário parcial e a sua localização por Campo léxico-semântico por considerarmos como lexias do vocabulário regional popular típicas da região ora apreciada.

Consideramos no trabalho o uso de *termo* para designar as lexias simples, que equivalem também à palavra; e o uso de *expressão* para designar as lexias que formam um todo semântico cujo significado final não pode ser extraído das partes, ou simplesmente lexias compostas e complexas estáveis, na visão de Pottier (1972, p. 27). No glossário consideramos as expressões como Sintagmas Terminológicos (S.T.). Trata-se de um glossário por tentar descrever os falares de um povo e está estruturado da seguinte forma: 1º, o verbete-entrada; 2º, a categoria gramatical; 3º, a significação; 4º, o contexto situacional circunscrito no discurso manifestado e, logo em seguida, os dados do informante; e, finalmente, o campo léxico-semântico a que pertence. Os termos e expressões encontram-se no glossário em ordem alfabética e grafadas em caracteres itálicos.

Trata-se, portanto, de uma amostragem do que seria basicamente uma obra lexicográfica de pequeno porte, à qual denominamos glossário parcial de termos e expressões do Bico do Papagaio.

GLOSSÁRIO

Apertar o coração (S.N.) preocupar-se; causar preocupação. “...mas tinha, para *apertar o coração* de Dona Leopoldina, aquele problema da mãe.” (M. 22) (preocupação)

Arranchar (V.) hospedar-se; fazer uma parada para descanso. “Bom-dia, doutor. Vamos *arranchar*.” (M 24) (atividade)

Babaçual (s. m.) Lugar onde se concentra grande quantidade de babaçu; na visão dos grandes proprietários e criadores de animais, verdadeira praga. Para quem sobrevive do extrativismo, sinônimo de paraíso. Vegetação muito frequente nos Estados do Tocantins, Maranhão, Piauí, Pará e Mato Grosso. “A gente luta muito em defesa da preservação do *babaçual*, porque pra nós a palmeira é a nossa vaca, é o nosso sustento, o sustento da nossa família, nós tira tudo é daquelas palmeira. Quando a gente vê alguém acabando com a nossa palmeira, nós já estamos sentindo que ele tá acabando com a nossa riqueza.” (M. 35) (lugar)

Besteira pai d’égua (S.N) Grande bobagem; coisa sem importância. “Uma *besteira pai d’égua*. Sonho é sonho e acabou.” (F. 16) (expressão de admiração)

Bicho (s.m.) índio. “Aquilo era um *bicho* de muitas encrencas...” (M. 75) (tratamento)

Biscate (s.m.) trabalho com remuneração não fixa; trabalho temporário. “... fazia *biscate* pelas ruas do povoado.” (25) (expressão de tratamento) (atividade)

Boca cheia de língua (S.N.) Fala estrangeira; língua diferente da língua materna. “...chegasse alguém e eles logo apareciam fazendo perguntas com a *boca cheia de língua*.” (M. 18) (expressão de admiração)

Boca de um vento manso (S.N.) Espécie de vento leve e quente, comum em regiões que têm temperaturas elevadas. “O cerrado bafejava, com a *boca de um vento manso*.” (F. 19) (expressão de admiração)

Botão-de-pano (s.m.) Botão coberto com o tecido, geralmente o mesmo com que é feita a roupa. “Tentou desabotoar o *botão-de-pano* do vestido de chita.” (M. 23) (produto)

Broio (s.m.) Espécie de massa retirada da entrecasca do babaçu e de onde se tira a farinha de mesocarpo ou farinha de babaçu. “... a gente tira o mesocarpo do coco verde. Lava ele, busca ele no mato, bota pra secar, quando secar você descasca, tirando o *broio*, quando o *broio* seca você leva na forrageira processa, peneira, aí embala, aí sela. A gente também já vende...” (F. 55) (produto)

Carreirinho (s.m.) Caminho; estrada. “Agora seguiam todos por um *carreirinho* que dava para a casa do Pajé.” (M. 38) (lugar)

Cordinhas de cera de tucum (S.N.) espécie de fibra retirada da árvore do tucum. “... muitas bandeirolas vermelhas e pretas, todas penduradas em *cordinhas de cera de tucum*.” (M. 19) (produto)

Dar trégua à cabeça (S.N.) Deixar descansar; dar descanso. “Esses pensamentos não davam *trégua à cabeça* do velho Vidal.” (F. 22) (descanso)

Dormitar (V.) Cochilar, dormir um sono leve. “Alguns cachorro latia com um burro velho, que *dormitava* sem ligar pra nada...” (M. 18) (descanso)

Encher as ventas dos outros de folha (S.N.) Fazer acreditar; convencer. “É por isso que não acredito nas história desse povo que anda querendo *encher as venta dos outro de folha*.” (F. 10) (preocupação)

Espera (s. f.) Lugar onde se espera a caça. “...enquanto vou procurar uma *espera*”. (F. 25) (lugar)

Esteira de boato (S.N.) Comentário exagerado; conversas; fofocas. “O Cacique veio na *esteira dos boatos*, que se espalhavam por toda a região.” (F. 11) (preocupação)

Falação (s.f.) Comentário, conversas, fofoca. “A velha Vidal também já tinha ouvido aquela *falação*, mas pediu ao marido pra não se meter com isso” (M. 17) (preocupação)

Gongo (s.m.) Espécie de larva que se alimenta da amêndoa e logo após ocupa o seu lugar. Aproveitado, assim como a amêndoa, para fazer o óleo, ou seja, sua presença no coco não se constitui impedimento para que o óleo seja feito. “O *gongo* é tipo uma larvazinha que ela entra na massa, uma lagartinha, que vara o coco, vara aquela massa. Vara o osso do coco, ele come a amêndoa. Aí ele é um negocinho assim curvadinho. Ele vira óleo. A gente torra e come. Ele dá até sabão.” (M. 44) (animal)

Maldita erva de endoidar gente (S.N.) Maconha. “Aqueles índios pachorrentos não plantavam outra coisa, senão aquela *maldita erva de matar gente*.” (F. 57) (produto)

Mandinga (s.f.) Coisa feita, catimbó, macumba. “A *mandinga* é braba.” (M. 20) (produto)

Mucura (s.f.) Espécie de gambá. “Naquela agonia toda a *mucura* saiu desembestada...” (M. 44) (animal)

Pipira (s.m.) Ave amazônica de cor negra. “E aqueles bichos desprezíveis, e mesmo as *pipiras* não se fazia vigorar a sua força.” (M. 27) (animal)

Pipiral (s.m.) Local onde ocorriam festas para pessoas de baixa classe social. “Todo mundo que num podia entrar nas festa de Tocantinpoli ia pro *pipiral*, mas era só gentinha! Num era coisa de gente de família” (F. 67) (lugar)

Sendeira (s.f.) Mulher separada do marido. “Antigamente ninguém queria ser *sendeira*... hoje ninguém liga pra isso.” (F. 65) (tratamento)

Siá (s.f.) Relativo a sinhá; tratamento para senhora e senhorita com quem o interlocutor mantém uma certa distância. “Deixa disso, siá!” (tratamento)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente trabalho foi levantar termos e expressões da língua regional popular na região do Bico do Papagaio, para observarmos o comportamento linguístico na região e, conseqüentemente, mapearmos termos e expressões peculiares à região por meio da elaboração de um trabalho lexicográfico de pequeno porte, como acontece ao glossário. Deparamo-nos com uma riqueza de expressões e termos que retratam não só a variação diatópica, mas, sobretudo, as variações diastráticas e diafásicas, como também mudanças que têm motivações na cultura da região. Tais percepções, faz-nos ver no trabalho a sua pertinência ao campo da Dialetolegia e da Sociolinguística, e a preponderância de trabalhos como este na compreensão da Lexicografia, enquanto ciência que parte da técnica.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. *Linguística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A união, 1983.

BARBOSA, M. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 39., 1991, Paris. *Anais...* Paris: UNIFRAN, 1991. p. 182-189.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. *Cadernos de Terminologia*, n. 2. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BIDERMAN, M. Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

CÂMARA JÚNIOR, Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHRISTOPHE, R; CANDEL, D. Les elements formants en lexicographie et dictionnaire: ferri-, ferro-, peut-il y avoir confusion? In: QUEMADA, B. Cahiers de lexicologie. *Revue Internationale de lexicologie et Lexicographie*, Paris, v. 49, 1986.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1994.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

NASCENTE, Antenor. *O dialeto carioca*. Rio de Janeiro: organização Simões, 1953.

POTTIER, B. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.